

ERA UMA VEZ: REFLEXÕES SOBRE UMA OBRA PRIMA DA LITERATURA PARA A INFÂNCIA ITALIANA: PINÓQUIO

Alessandra Avanzini

Universidades de Milão, Parma e Ferrara, Itália.



Resumo

Neste artigo discutirei o romance *Le avventure di Pinocchio: storia di un burattino*, escrito por Collodi, que apareceu inicialmente em forma seriada no *Il giornale per i bambini*, uma revista infantil publicada em 1883. Gostaria de começar com a seguinte pergunta: podemos considerar Pinóquio um *Bildungsroman*, uma história de formação? Mostrarei que é difícil fazê-lo, principalmente, devido ao fato de que Pinóquio não muda. A segunda pergunta à qual gostaria de responder é se esse romance é um romance para crianças. Discutirei que, na verdade, Pinóquio é um livro contra as crianças, um livro que não leva em conta a natureza e os sentimentos do pobre menino, mas simplesmente busca forçá-lo a adaptar-se ao mundo que o cerca. Esse mundo é constituído por valores específicos e certezas que Pinóquio não consegue entender durante todo o decorrer da história: a lógica de causa-efeito e a visão prática do mundo como uma entidade econômica. São esses os mesmos valores e certezas que caracterizam o período pós-Risorgimento, a partir de 1861, e a busca da nação italiana. Pinóquio não os entende, mas, depois de passar por muitas adversidades, durante as suas aventuras, decide aceitá-los como se fossem o seu mundo interior.

Palavras-chave: Pinóquio, Collodi, literatura infantil, Itália, educação, século 19.

THERE WAS ONCE UPON A TIME: REFLECTIONS ON A MASTERPIECE OF ITALIAN CHILDREN'S LITERATURE: PINOCCHIO

Abstract

In this article I will discuss the novel *Le avventure di Pinocchio: storia di un burattino* by Collodi, that firstly appeared serialized in *Il giornale per i bambini*, a children's magazine, and was published in 1883. I would like to start from the following question: can we consider Pinocchio a *Bildungsroman*? And I'll show that it is hardly possible to do so, for the reasons that I am going to discuss mainly due to the fact that there is no change in Pinocchio. The second question I would like to answer is whether this novel is actually a novel for children. I will argue that Pinocchio is actually a book against children, a book that does not consider the nature and the feelings of the poor boy, but simply aims at forcing him to adapt to the world outside. This world is made up of specific values and certainties that Pinocchio does not manage to understand throughout the story: the cause-effect logic, first of all, and the practical vision of the world as an economic entity. These are the same values and certainties that characterize the post Risorgimento period (from 1861

onwards) and the pursuit of the Italian nation. Pinocchio does not understand them, but, after all the adversities he goes through during his adventures, he decides to accept them as if they were his inner world.

Key-words: Pinocchio, Collodi, children's literature, Italy, education, 19 century.

C'ERA UNA VOLTA: RIFLESSIONI SU UN CAPOLAVORO DELLA LETTERATURA PER L'INFANZIA ITALIANA: PINOCCHIO

Riassunto

L'articolo propone una riflessione su *Le Avventure di Pinocchio*: storia di un burattino, il racconto di Collodi pubblicato nel 1883 e apparso dapprima a puntate sul periodico *Il giornale per i bambini*. La questione di partenza è: possiamo considerarlo un romanzo di formazione? La mia risposta è che difficilmente può essere considerato tale per varie ragioni, in primo luogo perché in Pinocchio non vi è mai reale cambiamento. La seconda questione è se lo si può considerare un racconto per bambini. La risposta, solo all'apparenza provocatoria, è che in realtà si tratta piuttosto di un libro contro il bambino, nel senso che non si cura dei sentimenti e della natura di questo ragazzino. Pinocchio è sicuramente indisciplinato, ma l'unica soluzione proposta è quella di adattarlo forzatamente al mondo che c'è. Si tratta di un mondo costruito attorno a determinati valori e certezze che per tutta la storia Pinocchio non riesce a gestire: la logica causa-effetto, prima di tutto, e poi una visione pratica del mondo considerato come un'entità economica. Sono i valori e le certezze che nel periodo post-unitario (dal 1861) caratterizzando in gran parte i modi 'educativi' della costruzione di una nazione italiana. Pinocchio non li comprende, ma, dopo tutte le avversità che si trova ad attraversare, decide di far propria tale visione del mondo come se corrispondesse effettivamente al proprio mondo interiore.

Parole-chiave: Pinocchio, Collodi, letteratura per l'infanzia, Italia, 19 secolo.

IL ÉTAIT UNE FOIS: DES RÉFLEXIONS SUR LE CHEF-D'ŒUVRE DE LA LITTÉRATURE ITALIENNE POUR LES ENFANTS: PINOCCHIO

Résumé

L'article propose une réflexion sur *Le aventure di Pinocchio*: storia di un burattino, le conte de Collodi publié en 1883 et apparu pour la première fois comme épisodes sur *Il giornale per i bambini*. La question initiale est: peut-on considérer cela comme un roman de formation? Ma réponse est qu'on peut difficilement être considéré comme tel pour plusieurs de raisons, d'abord parce que Pinocchio n'a jamais un réel changement. La deuxième question est de savoir si elle peut être considérée comme une histoire pour les enfants. La réponse, ce qui semble être une provocation, est qu'il est plutôt un livre contre l'enfant, parce qu'il n'y a aucune attention pour les sentiments et la nature de ce pauvre garçon. Pinocchio est certainement indisciplinés, mail la seule solution est l'adapter de force au système qui existe. C'est un système construit autour d'un certain nombre de valeurs et de certitudes que dans toute l'histoire Pinocchio ne parvient pas à gérer: la logique cause-effet, tout d'abord, puis une vision concrète du monde, considéré comme une entité économique. Il sont les valeurs qui, dans la période post-unitaire, à partir de 1861, caractérisent la plupart des moyens 'éducatifs' utilisés pour la construction de la nation italienne. Pinocchio ne comprend, mais, après tout le mal, décide de suivre cette vision du monde, comme s'elle effectivement correspondît à son propre monde intérieur.

Mots-clé: Pinocchio, Collodi, littérature pour jeunesse, Italie, 19^{ème} siècle.

O autor: Carlo Collodi

Collodi, pseudônimo de Carlo Lorenzini, nasceu em Florença, em 24 de novembro de 1826, e morreu em Florença, em 26 de outubro de 1890. Seu pai, Domenico, de Cortona, Toscana, era cozinheiro do marquês Carlo Leopoldo Ginori Lisci, e o pai da sua mãe fora agricultor trabalhando para os marqueses de Garzoni Venturi. Sua mãe, Angiolina Ortzali, era de uma pequena aldeia próxima a Collodi, chamada Veneri. Ela teve uma influência importante na vida do autor, e, de fato, o seu pseudônimo Collodi foi escolhido para homenageá-la pelo seu local de nascimento.

Em 1837 começou a frequentar o seminário, mas saiu em 1842 para estudar Filosofia e Retórica na escola religiosa Scuole pie di S. Giovannino, em Florença. Ele trabalhou como editor dos boletins bibliográficos do catálogo de notícias editoriais da Livraria Piatti, em Florença. A livraria também era uma editora frequentada por intelectuais e patriotas, inclusive B. Niccolini. Posteriormente, Collodi tornou-se amigo do bibliotecário e estudioso G. Aiazzi. Foi por Aiazzi que Collodi começou a trabalhar como repórter de teatro para a *Rivista di Firenze* e como crítico musical para a *Arpa musicale*.

Em 1848 ele e outros intelectuais começaram a revista satírica *Il lampione*. Foi a partir daquele momento que passou a assinar os seus artigos com o pseudônimo Collodi. O objetivo auto-declarado da revista, que era de iluminar aqueles que estavam no escuro, durou pouco - foi fechada pela censura no ano seguinte, mas reabriu em 1860. Ele e seu irmão Paolo se engajaram no batalhão Il Fiorentino e lutaram em Montanara (1848), durante as guerras de independência italianas¹, que levaram à unificação da Itália. No mesmo ano seu pai morreu e Collodi voltou a procurar trabalho. Com a ajuda de Aiazzi foi eleito secretário do Senado da Toscana. A fim de sobreviver financeiramente colaborou em várias revistas e traduziu romances do francês. Em 1853 fundou e editou a revista teatral *Lo Scaramuccia* e queria que intelectuais, tais como P. Fanfani e P. Ferrigni, contribuíssem para revista. Escreveu para muitas revistas e o seu trabalho para o teatro rendeu-lhe o suficiente para viver.

Em 1859 se alistou como voluntário no exército piemontês. Depois do armistício de Villafranca, segunda guerra de independência da Itália, obteve baixa e voltou para Florença onde conseguiu emprego no Departamento de Censura dos Teatros e, posteriormente, na Prefeitura. Continuou a trabalhar como jornalista para revistas tais como *Fanfulla*, *La nazione* e *Gazzetta del popolo*.

Em 1875 ocorreram mudanças em sua vida, relacionadas ao trabalho. Traduziu *Contes* e as *Histoires* por Charles Perrault e outros contos de fadas para a editora florentina Paggi. Em 1876 publicou o livro *Racconti delle fate*, ilustrado por E. Mazzanti. Essa foi a oportunidade para começar a dedicar-se a maior parte do seu tempo à literatura infantil.

Também publicou duas cartilhas para a editora Paggi: em 1877 o *Giannettino*, inspirado pelo romance pedagógico de L. A. Parravicini, *Il Giannetto* (1837) e *Minuzzolo* em 1878. Os protagonistas desses livros são crianças rebeldes e bastante entediadas que, pouco a pouco, se tornam boas e obedientes graças às suas aventuras e aos conselhos afetuosos de seus parentes.

Nesse mesmo período, o interesse de Collodi pela educação também pode ser visto nos livros didáticos que escreveu sobre Geografia e História. Foram escritos num estilo

¹ Sobre o Risorgimento italiano ver Banti (2010); Genovesi (2010).

original e humorístico que não obteve a aprovação do Ministério de Educação. Collodi usou diálogos, de modo que as crianças pudessem ser entretidas, bem como educadas. Esses livros didáticos incluem *Viaggio per l'Italia di Giannettino* (1880-1886); *La grammatica di Giannettino* (1883); *L'abbaco di Giannettino per le scuole elementari* (1885); *La geografia di Giannettino* (1886); *La lanterna magica di Giannettino* (1890).

A pedido de um amigo, G. Biagi, Collodi começou a escrever a respeito de Pinóquio e, a partir de 1881, a história de Pinóquio foi publicada como seriado em *Il giornale per i bambini*, com o título *La storia di un burattino*. Inicialmente a história terminava com a morte do fantoche, que é enforcado numa árvore. Devido ao enorme sucesso da história, Collodi reviveu o fantoche para escrever mais aventuras. Em 1883 publicou o livro *Le avventure di Pinocchio: storia di un burattino*, ilustrado por Mazzanti, que foi um sucesso enorme e imediato. A segunda edição seguiu-se em 1886, a terceira em 1887, a quarta em 1888, a quinta em 1890, com a editora Bemporad & figlio. Logo se tornou o livro mais lido e traduzido depois da Bíblia - foi traduzido em 260 idiomas com 187 edições.

Nesse meio tempo, de 1883 até 1885, Collodi tornou-se o diretor do *Giornale dei bambini*. Em 1887 escreveu as *Storie allegre*. Sua mãe faleceu em 1886, o que o deixou cada vez mais deprimido. Morreu, repentinamente, em Florença, em 26 de outubro de 1890.

Pinocchio: um Bildungsroman?

Quando eu era criança, o Pinóquio estava sempre presente nos ensinamentos dos meus pais, mas, sobretudo, nas palavras dos meus professores: eles diziam se você mentir, seu nariz vai crescer, vai ficar cada vez mais comprido, exatamente como o do Pinóquio. E, citando Collodi, diziam que havia dois tipos de mentiras: aqueles com pernas curtas e aqueles com narizes compridos. Às vezes eu realmente me preocupava com o comprimento do meu nariz e das minhas pernas, mas assim como Pinóquio, eu dava de ombros e continuava a brincar e a contar mentiras brancas inocentes.

O Pinóquio também estava presente nas palavras dos adultos, para lembrar-nos de que tínhamos de obedecer aos pais, tínhamos de comportar-nos da maneira certa, caso contrário coisas terríveis nos teriam acontecido. A imagem do coitado do Pinóquio pendurado em um grande carvalho apavorou-me, bem como suas longas orelhas de burro, para não falar do pobre Lampwick que, afinal de contas, não era mais do que uma criança pequena com um cérebro minúsculo, mas que não merecia morrer. Por todos esses motivos, eu não gostava nada do Pinóquio e não tinha prazer em ouvir minha mãe contar-me a história.

Penso que a minha experiência pessoal pode mostrar quão profundamente o Pinóquio entrou na consciência italiana: foi e é, geralmente, considerado um Bildungsroman, um romance que mostra como os anos formativos da pessoa podem levar a um entendimento melhor do mundo e do seu lugar no mundo.

Pode-se dizer que a história de Pinóquio, como um modelo de crescimento pessoal, enfoca a culpa da criança mediante ameaças contínuas - a morte está sempre presente em Pinóquio, o próprio Pinóquio corre o perigo de morrer e, de fato, tem de morrer para tornar-se um menino de verdade. Esse modelo também foi exportado para o exterior, em particular com o filme de Walt Disney que é, certamente, menos cruel do que o livro

original, mas contém essa idéia de depender dos adultos e do modelo único para um comportamento adequado.

Se olharmos o romance com olhos críticos, será que realmente podemos considerá-lo um Bildungsroman? Para responder a esta pergunta², discutirei toda a história propriamente dita, começando desde o início, como se deve fazer.

Quando o Pinóquio ainda é um pedaço de madeira muda, Geppetto vai falar com o sr. Cherry e compartilha com ele a idéia seguinte: “Pensei em fazer um excelente fantoche de madeira - um realmente muito bom, que possa dançar, lutar esgrima e dar cambalhotas no ar. Então com esse fantoche eu poderia viajar pelo mundo e ganhar meu pedacinho de pão e meu copo de vinho” (Collodi, 2011, p. 8). A idéia de Geppetto é de fazer um fantoche para usá-lo como um meio de alcançar uma vida melhor. Não é nem um desejo de ser pai, nem uma ideia educativa, ao contrário, é criar uma marionete que possa se movimentar, mas não consiga pensar. E é isso que ele faz: ele cria um fantoche que pode movimentar-se, correr, fazer muitas coisas, mas que não consegue pensar. E Geppetto descobrirá, em seu próprio prejuízo, que foi um grande erro. Um fantoche que não consegue pensar é um fantoche que não consegue entender o mundo fora de si mesmo e que está sempre tentando obter o que precisa, sem pensar nas outras pessoas. Mas como é possível controlar um fantoche sem cordões e sem cérebro nenhum? Podemos dizer que Geppetto começou esse empreendimento da maneira errada, esquecendo de que Pinóquio poderia crescer com as sua própria personalidade, desejos e identidade. No livro, desde o início até o fim, ninguém respeita as idéias ou desejos de Pinóquio; ele é sempre punido para fazê-lo crescer como todo o mundo deve crescer.

De qualquer forma, Geppetto deveria ter considerado que estava dando a vida e não simplesmente criando um fantoche. Mas a sua intenção não é aquela de um pai, antes é aquela de um homem que não quer que sua vida pessoal seja perturbada. Criar uma vida, mesmo a partir de um pedaço de madeira, implica uma grande responsabilidade e Geppetto parece não dar-se conta disso. Parece sentir essa responsabilidade como um grande fardo à medida que se desenrola a história. Ele ama o seu filho, isso fica claro desde o início, mas não sabe agir como pai. Pai e filho devem aprender juntos, devem crescer juntos, mas não é isso que acontece. Ele acabava de fazer os olhos de Pinóquio e, citando Collodi, “quando Geppetto viu aqueles dois olhos de madeira olhando para ele, não gostou nada disso. Ficou bravo e disse “olhos de madeira malcriados, por que vocês estão me olhando fixamente?” (Collodi, 2011, p. 13).

Por que Geppetto está bravo? Por que ele julga esses olhos de madeira e os chama de malcriados? Ele não parece gostar da vida que está se manifestando no pedaço de madeira. E, algumas linhas depois, quando a vida explode, com o Pinóquio fugindo com suas novas pernas e pés, Geppetto fica ainda mais bravo “Seu filho malandro! Você ainda nem está pronto e já desobedece ao seu pai! Isso é ruim, meu rapaz – muito ruim” (Collodi, 2011, p. 15). Falando com os seus botões, confessa que deseja nunca ter começado a esculpir a madeira, mas agora é tarde demais, o fantoche já existe. Ele não considerou bem as consequências de dar vida a um pedaço de madeira. Isso significa educar, ensinar, fazê-lo entender como são as coisas, falar com ele, ouvi-lo, crescer e mudar junto com ele e Geppetto não consegue fazer isso. Ele apenas tem algumas certezas e quer que sejam respeitadas pelo fantoche. Assim, no início da história há um

² Para uma análise mais detalhada de *Pinocchio* ver Avanzini (2012).

grande contraste entre a explosão de vida, a atitude entusiasmada do fantoche em relação à vida, e a imagem parada, meio triste e estática do mundo, que é a de Geppetto. Consequentemente, Geppetto e Pinóquio têm diferentes expectativas: Geppetto simplesmente deseja que Pinóquio aja como se deve fazer. Pinóquio, por outro lado, vive em um mundo que ele nunca compreende, um mundo que, para ele, é completamente incompreensível. Assim, ele sempre faz a coisa errada.

Esta falta de compreensão culmina no episódio dos assassinos e do grande carvalho. Ele é enganado pela raposa e pelo gato, mas é demasiadamente ingênuo e, ao mesmo tempo, convencido para compreender o que está acontecendo. Assim, ele não reconhece os assassinos, que são a raposa e o gato disfarçados, e se assusta terrivelmente com eles. Querem o seu dinheiro e, a fim de obtê-lo, enforcam Pinóquio num galho do grande carvalho e aguardam que ele morra. Na luta, Pinóquio tira a pata do gato com uma mordida e a cospe. Apesar disso, não compreende que está lutando contra a raposa e o gato, os mesmos dois que acabam de prometer fazer suas moedas de ouro crescer como se fossem sementes. Ele nunca consegue ler a realidade. É curioso, gostaria de descobrir e entender o mundo, mas nunca consegue decodificar o comportamento enganador das pessoas. Assim, qual é a sua culpa dessa vez? Por que ele tem de ser enforcado e correr o risco de morrer? Porque não obedeceu ao adulto, neste caso o adulto é o Comedor de Fogo que lhe dera as cinco moedas de ouro para levar ao seu pai. Mas se olharmos mais profundamente a história ele, na verdade, confia no adulto, mas no adulto errado. Ele pensa que a raposa e o gato são honestos, mas não são. Ele é tão ignorante, já que ele não frequenta a escola, que ele não sabe que moedas nunca crescem em árvores. Mas as suas intenções são boas: ele gostaria que o seu pai fosse mais rico e mais feliz e orgulhoso do seu filho desobediente.

Na lógica da história podemos dizer que o motivo pelo qual ele é pendurado numa árvore é porque tem de aprender uma lição: se você faz uma coisa errada é punido, se você continuar a fazer coisas erradas pagará com a sua vida. A lógica é de causa e efeito. Não há outras maneiras e o Pinóquio está cada vez mais distante dessa realidade: como é que algum dia ele aprenderá a agir de maneira certa? Há apenas uma possibilidade: perder a sua curiosidade e sua jornada pessoal consigo mesmo. Não é importante entender por que deve acontecer assim, o que conta é fazer o que se espera de você e obedecer. Assim, respondendo à nossa primeira pergunta, não podemos considerar esse romance um *Bildungsroman*, porque não há interesse em dar à criança uma compreensão melhor do mundo, nutrindo sua alma e sua mente.

Isso me leva à minha segunda pergunta: Pinóquio é um romance para crianças? Penso que não, pelos seguintes motivos.

Neste mundo a criança-Pinóquio está sempre correndo risco: se não fizer o que lhe mandam fazer, arrisca-se a cair na armadilha do inimigo, sempre um homem cruel e desonesto, que pode ser a raposa e o gato; o comedor de fogo, que, felizmente, no final das contas, era um homem bom; o pescador; o cocheiro, conhecido como o homenzinho, o condutor do coche que enganou as crianças para que pensassem que estavam indo para a Terra dos Brinquedos. Todos esses inimigos têm algo em comum: são pessoas sem dinheiro, que estão desesperadamente a procura do mesmo. Por esse motivo são pessoas ruins, à margem da sociedade, pessoas que Pinóquio deveria reconhecer como

tais, porque fica tão claro que são enganadores, mas ele nunca se dá conta disso. Ele nunca parece conseguir ler o código social implícito na história.

De todo modo, qualquer que seja esse código social, o fato é que há apenas um código a seguir, de modo que ele não pode fazer uma escolha. Em segundo lugar é imposto com uma lógica estrita de causa e efeito. Posso citar o episódio em que o camponês pega Pinóquio e o faz trabalhar como cão de guarda, porque ele tinha colhido alguns cachos de uvas moscatel. Por esse motivo é considerado o pior ladrão e amarrado como um cão a uma corrente de ferro, uma punição terrível, que leva o fantoche a uma completa perda de identidade, já que ele se sente e se comporta como se realmente fosse um cão. Como podemos ver, o mundo fora de Pinóquio está sempre a tentar fazer uma lavagem cerebral nele, para que sinta que fez algo errado, que é culpado de algo terrível. Ele também tem muitos apoiadores, que representam o bem na sociedade, como a fada, em primeiro lugar, o próprio Geppetto, as criaturas mágicas - o grilo falante, o papagaio - e mesmo o camponês, que atua em benefício de Pinóquio, segundo a lógica da história, mas nunca o incentivam a encontrar a si mesmo e descobrir o mundo externo, em vez disso, todos fazem com que se sintam mal.

Pode-se dizer que mesmo a fada, a principal apoiadora de Pinóquio, tem uma atitude cruel em relação a ele, já que usa a culpa para ensinar-lhe como comportar-se. Ela representa aquilo que é correto e bom em sociedade: é linda, tem uma casa e um tipo de servo - o caracol -, é a figura certa a seguir. Mas ela tem a intenção de educá-lo por meio de ameaças e medo, de modo a limitar a sua curiosidade e o seu desejo de explorar o seu mundo novo. Ele tem de compartilhar valores e certezas específicos e é impedido de tornar-se um pensador independente. Por exemplo, no capítulo XXIII, Pinóquio volta à sua casa, mas em lugar da casa encontra “um pedacinho de mármore, sobre o qual estão gravadas essas tristes palavras: “Aqui jaz a criança de cabelo azul que morreu de tristeza por ter sido abandonada por seu irmãozinho Pinóquio” (Collodi, 2011, p. 130).

Assim, quais são os valores e certezas? Trabalhar, ser diligente, ter dinheiro. A raposa e o gato são desonestos porque não têm um emprego e tentam ganhar a vida enganando as pessoas e roubando o seu dinheiro. O pescador é malvado, só porque é pobre - afinal não faz nada de mau, simplesmente pega peixes para comer. A terra da formiguinha é um bom lugar, porque todos estão ocupados trabalhando, enquanto que a terra dos brinquedos é um lugar mau, porque todos estão sempre atarefados brincando e serão punidos.

Um livro para crianças?

O que há então neste livro que pode ser considerado adequado para crianças? Eu diria que nada, porque não leva em conta a natureza infantil. Estamos a quilômetros de distância de *Alice no país das maravilhas*, cuja febre de curiosidade, a mesma febre que faz Pinóquio queimar no capítulo IX, onde podemos ler: “Pinóquio tinha tal febre de curiosidade que perdeu seu autocontrole”. Comete muitos erros a caminho, sem ser punida ou morta, mas, ao fazê-lo, a sua identidade evolui e ela consegue tornar-se adulta. Além do mais, graças ao país das maravilhas, Alice aprendeu novas maneiras de pensar e de imaginar o mundo e novas lógicas diferentes. Ela irá ter uma visão original das

coisas. Assim, enquanto Alice cresce, Pinóquio fica cada vez mais frustrado e é impedido de tornar-se a si mesmo.

Como eu dizia, os valores propostos pelo livro são, principalmente, o trabalho, a diligência, o dinheiro, isto é, os mesmos valores enfaticamente propostos pela recém-nascida nação italiana. Infelizmente, o sonho do Risorgimento italiano, de certa maneira, terminara, e a Itália estava atarefada tentando ser uma nação italiana. Fabricar italianos era a principal preocupação da Itália recém-nascida. O livro *Pinocchio* prestou um grande serviço a essa nova nação ao ser um modelo de valores controversos, mas universalmente aceitos? Se a nação deveria crescer, a Itália tinha de abrir mão de sua diversidade de culturas e idiomas, e tornar-se uma única nação. *Pinocchio* foi o primeiro exemplo de uma linguagem nacional, mas podemos dizer, também, de um único conjunto de valores, não muito originais e bastante distantes daquilo que era realmente a Itália e, sobretudo, daquilo que os heróis do Risorgimento teriam desejado que fosse.

Quanto à língua observou-se que, enquanto a linguagem do *I promessi sposi* de Alessandro Manzoni “acabou se tornando uma linguagem literária inventada pelo escritor”, “Collodi, um toscano [...] adotou em Pinóquio a língua falada, o florentino, que considerava a única língua [...]. Com o seu livro, Collodi forneceu o exemplo prático da língua que fora contemplada por Manzoni” (Paruolo, 2001, p. 77). Quanto aos valores, na verdade, eram compartilhados por todas as tendências sociais e políticas, isto é, pelos grupos conservadores, mas também pelos progressistas e mesmo pelos grupos filantrópicos populares no novo país. Controlar as massas de um povo analfabeto seria impossível e a alfabetização, desse ponto de vista, era um meio de controlar a diversidade da nação italiana - visão conservadora -, mas também um meio de dar independência a algumas pessoas, a fim de poderem ter um emprego - visão progressista e filantrópica³. Era universalmente aceito que pessoas sem emprego poderiam subverter a ordem social. A preocupação com a infância e com a diversidade da infância certamente não vinha em primeiro lugar num período que tinha de enfrentar tantos problemas sociais e culturais: a maioria dos cidadãos italianos, até 85% em certas regiões da Itália, especialmente no sul, era completamente analfabeta.

Podemos dizer que Pinóquio não é um livro que nos faz pensar, como *Alice no país das maravilhas*. Antes, é um livro concebido para anunciar um tipo de restauração da ordem, em uma determinada situação social e histórica: certos valores deveriam ser compartilhados e não havia tempo e lugar para a infância com seu enorme potencial, isto é, a capacidade de olhar o mundo por aqueles olhos de madeira malcriados, olhos que poderiam virar tudo de pernas para o ar e perturbar completamente uma busca delicada de equilíbrio. Afinal, Pinóquio dá-nos a idéia de que a infância é uma idade potencialmente perigosa, porque tem uma maneira rebelde de ver a realidade sem qualquer preconceito ou barreira e, se não for restringida, poderá conduzir a uma nova visão do mundo.

³ Sobre característica, potencialidades e limites relacionados à atitude filantrópica na Itália pós-unificação ver Avanzini (2013).

Em outras palavras, a criança tem um poder imenso que o adulto não sabe como controlar. Desse ponto de vista, a educação parece intencionada apenas como meio de controlar a mente, a fim de fazer as crianças agirem como se espera delas. Se compararmos crianças ao povo italiano, muito diversificado daquele período, a educação é destinada a ser um meio de unificá-lo completamente, tornando-se um só. Assim, a educação não é destinada a ser *Bildung*, como uma busca de crescimento pessoal, intelectual e emocional. Por todos esses motivos, diria que este livro não é um livro para as crianças e sim contra as crianças, pois busca controlar o enorme potencial da infância e reduzi-lo às necessidades da sociedade.

Conclusões

Podemos afirmar que não se permite que Pinóquio se torne adulto e ele tem de ceder a sua liberdade de pensar, a sua curiosidade e sua natureza espontânea, a fim de tornar-se um adulto. Ele não tem a possibilidade de questionar os valores dos adultos, mas aceitá-los como são. Assim, para ele, a realidade permanece ilegível em todo o decorrer do livro: por causa disso, Pinóquio torna-se cada vez mais confuso e mais triste, tão triste que se sente desesperadamente culpado e tenta curar esse sentimento comportando-se direito.

Podemos ver que Pinóquio, o boneco, está morto quando encontra Lampwick no último capítulo: seu amigo é um burro moribundo, enquanto que ele é um bom menino, dando duro a fim de conseguir uma xícara de leite para o seu pai. Ele vai e vê o seu amigo, se reconhecem e Lampwick morre. Pinóquio apenas se permite o tempo de secar as lágrimas que corriam pelas suas faces, com um punhado de palha, e depois continua a trabalhar. O verdadeiro Pinóquio, a verdadeira criança que é o fantoche, teria batido os pés, chorado e dado um pontapé no jardineiro cruel que estava rindo do seu pobre amigo, mas não o faz. A sua infância ficou para trás e ele agora é um adulto, sem esperança, sonhos ou a capacidade de criar uma realidade. Seu único objetivo é de obedecer às regras de outras pessoas.

Referências

AVANZINI, Alessandra. 1861-1871: Antonio Bruni e le biblioteche popolari circolanti. In: BELLATALLA, Luciana; MARESCOTTI, Elena (a cura di). *150 anni di scuola in Italia: identità, figure, situazioni*. Padova: Cleup, 2013.

AVANZINI, Alessandra. Come accadde che degli occhiacci di legno sfidarono il mondo e ne furono sconfitti. In: AVANZINI, Alessandra; BARSOTTI, Susanna. *Ancora Pinocchio: riflessioni sulle avventure di un burattino*. Milano: Franco Angeli, 2012.

COLLODI, Carlo. *Pinocchio*. London: Puffin Books, 2011.

PARUOLO, Elena. The word of Pinocchio: adventures in languages and cultures. In: TOSI, Laura (a cura di). *Hearts of lightness: the magic of children's literature*. Venezia: Cafoscarina, 2001.

STEWART-STEINBERG, Suzzane. *The Pinocchio effect: on making italians 1860-1920*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

BANTI, Alberto Mario. *Il Risorgimento italiano*. Roma-Bari: Laterza, 2010.

GENOVESI, Piergiovanni (a cura di.). *Giuseppe Garibaldi: il mito, la storia*. Milano: Franco Angeli, 2010.

ALESSANDRA AVANZINI é curadora do projeto *Análise da literatura para jovens adultos e crianças na europa e em outros lugares*, cujo primeiro volume, sobre a literatura infantil da Itália, Dinamarca, França, Reino Unido e Portugal (1945-2012), foi publicado em 2013. Seu campo de pesquisas também inclui uma análise em profundidade de *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, por Lewis Carroll. Atualmente ensina Pedagogia, História da Pedagogia e Didática nas Universidades de Milão, Parma e Ferrara.

Endereço: Strada Del Paullo 29 - 43123 - Parma - Italy.

E-mail: alessandra.avanzini@unimi.it.

Recebido em 10 de fevereiro de 2014.

Aceito em 28 de abril de 2014.